

“O gabinete de Emílio é a terra inteira”: viagem e formação em Jean-Jacques Rousseau

Priscilla Stuart da Silva¹

Resumo

O presente artigo discorre sobre a ideia de formação pelas viagens na obra *Emílio*, de Jean-Jacques Rousseau. Esta temática é pensada a partir do momento em que o personagem, Emílio, é educado por seu preceptor para a vida adulta, o que inclui casar-se e ter filhos com Sofia, a figura feminina que será sua esposa no futuro. O que se evidencia nas páginas da mais extensa obra de Rousseau é sua ênfase na natureza enquanto energia ou força formadora do homem; seu repúdio à erudição vazia e sem vinculação com a experiência vivida; e ainda, sua tentativa de mostrar que os valores da natureza e da paisagem são importantes não só para a formação do Emílio jovem, mas decisivos para pensá-lo também como um cidadão do mundo.

Palavras-chave: Viagem; Formação do jovem; Rousseau.

Abstract

This article discusses the notion of education through journeys in Jean-Jacques Rousseau's *Emile*. This theme is been thought here from the point of the work in which Emílio is educated by his preceptor to the adult life: which includes to marry and to have children with Sofia, female figure that will be your wife. What is evidenced in the pages of the Rousseau's largest work is his emphasis on nature as the energy or formative force of man; his refusal of empty erudition, which lacks of relation with lived experience; and his attempt to show that the values of nature and landscape are important not only for Emílio's education, but also become decisive for thinking him above all as a citizen of the world.

Keywords: Travel; Youth education; Rousseau.

¹ Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2010), mestra (2013) e doutoranda em Educação, na linha de pesquisa Filosofia da Educação, pela UFSC.

Introdução

Não me canso de dizer: colocai todas as lições dos jovens em ação e não em discurso; nada aprendam pelos livros daquilo que a experiência possa ensiná-lhes.

Rousseau (2009a, p. 350)

A análise do jovem em Rousseau, ou do adolescente, como o próprio filósofo menciona diversas vezes a partir do Livro III, está diretamente relacionada à noção de viagem em seu tratado pedagógico, representando um elemento importante na formação de Emílio. A juventude é comumente associada a um processo de “vir-a-ser”, período da vida quando os sentimentos e os comportamentos são volúveis, provisórios; justamente por ser uma fase de emoções tão exacerbada, consegue deixar marcas na vida adulta que deverão ser definitivas. Ser jovem é vivenciar constantemente a transformação do corpo e do espírito, momento de passagem que revela o que somos e o que queremos, com papéis sociais consolidados no futuro, lugar onde se alternam comportamentos, um momento de passagem entre a infância e a vida adulta. Na juventude, revelam-se as representações coletivas de determinada época, constituídas como a razão de um povo ou de uma época, ou ainda, “uma *energia*, uma força que só pode ser plenamente percebida em sua *ação* e em seus *efeitos*” (CASSIRER, 1992, p. 19).

Destarte, a dificuldade no processo de educação de jovens, em contraste com a educação de crianças, é patente, uma vez que, diferente do comportamento infantil, o jovem já é dono de um temperamento inconstante próprio, uma forma de lidar com a realidade através de dois polos, um criador e outro (auto) destruidor. Ou seja, se não forem bem direcionados pelo preceptor, tais impulsos antagônicos poderão se tornar incontrolláveis e uma

herança para a vida adulta, pois, segundo Rousseau (2009a, p. 286), “O homem, em geral, não foi feito para permanecer sempre na infância. Dela sai no tempo indicado pela natureza, e esse momento de crise, embora muito curto, tem longas influências”.

Como dito, devemos, portanto, interpretar a figura do jovem no pensamento de Rousseau como uma fase distinta da vida humana, peculiar em suas manifestações diversas. É possível até mesmo conjecturar que começa, pela primeira vez, no filósofo genebrino, uma construção social da juventude, devido à sua preocupação com diversos aspectos de ordem biológica, psicológica, social, política e filosófica. A juventude, então, é compreendida como uma categoria filosófico-formativa da vida humana, visto que Rousseau consegue mostrar em *Emílio* que o jovem é constituído de um valor que não depende do reconhecimento do adulto e que, portanto, não pode ser comparado a este. Cada idade da vida tem suas peculiaridades típicas, mas é na infância e na juventude que se encontram as sementes dos valores que serão importantes e cultivados por toda a vida do adulto. Para alcançar essa conclusão, o pensador elabora sua argumentação com base na observação da natureza. Logo, ele acredita nas virtudes inerentes dos jovens como também na capacidade de orientação do encarregado dessa educação, o preceptor.

A primeira virtude que nasce com o indivíduo é o sentimento de piedade, enquanto ao preceptor cabe agir para “excitar e nutrir essa sensibilidade nascente”, visto que dispõe das condições para desenvolver e suscitar no jovem essa “inclinação natural”. Ao lado da piedade, o jovem será conduzido a exercitar todas as virtudes que lhe são naturais, a saber: “a bondade, a humanidade, a comiseração, a beneficência [...] e impedir que nasçam a inveja, o ódio [...] que, por assim dizer, tornam a sensibilidade não somente nula, mas negativa, e fazem o tormento de quem as experimenta (ROUSSEAU, 2009a, p. 304).

Juventude, formação e viagem: esses elementos são característicos de um tempo da vida em que a necessidade é senhor do homem, pois é dela que surgem as primeiras lições e ensinamentos, revelando-se como nossa primeira mestra, pela qual somos formados. Essa necessidade que elabora as regras do início de nossas vidas é a natureza². Diante disso, a nova percepção de Rousseau sobre a constituição do jovem torna-se perceptível quando ele descreve o quanto o arrebatamento e o ímpeto de vida devem e podem ser canalizados pelas viagens como parte substancial da formação de Emílio antes de casar-se com Sofia.

Para compreender o sentido dessa formação em Emílio, é oportuno lembrar que a viagem é um tema da Ilustração por excelência, época em que o pensamento rousseauiano se edifica. A palavra *Bildung*³ nos ajuda a entender a avidez de desbravamento do espírito humano, uma vez que tal conceito “não pode ser obtido apenas por meio da educação, mas algo que exige independência, liberdade, autonomia e se efetua como um autodesenvolver-se” (BOLLE, 1997, p. 17). Esses fundamentos estão relacionados à experiência das viagens, já que “o século XVIII é o período no qual a ideia de viagem como formativa e como fonte de inspiração poética emerge e se fortalece no espírito ocidental” (SILVA, 2014, p. 19). Essa época reúne elementos que exemplificam a paixão humana pela liberdade e pelo

² Rousseau (2009, p. 9) distingue três tipos de educação: “Tudo o que não temos ao nascer e de que precisamos quando grandes nos é dado pela educação. Essa educação vem-nos da natureza ou dos homens ou das coisas. O desenvolvimento interno de nossas faculdades e de nossos órgãos é a educação da natureza; o uso que nos ensinam a fazer desse desenvolvimento é a educação dos homens; e a aquisição de nossa própria experiência sobre os objetos que nos afetam é a educação das coisas”.

³ Cf. BOLLE, 1997, p. 14-15: “O conceito moderno de *Bildung* surgiu na Alemanha a partir de fins do século XVIII. É um conceito de alta complexidade, com extensa aplicação nos campos da pedagogia, da educação e da cultura, além de ser indispensável nas reflexões sobre o homem e a humanidade, sobre a sociedade e o Estado. É até hoje um dos conceitos centrais da língua alemã, que foi revestido de uma carga filosófica, estética, pedagógica e ideológica sem igual, o que só é possível compreender a partir do contexto da evolução político-social da Alemanha”.

espírito de exploração do desconhecido na ânsia por novidades. E, de fato, nessa jornada pelo novo, parece haver uma necessidade de a natureza humana querer desvendar a própria complexidade. De qualquer forma, independente da descoberta revelada, o resultado só poderá ser o da própria formação.

Sérgio Paulo Rouanet faz uma distinção de caráter ontológico para mostrar a peculiaridade do humano frente ao animal. Em outras palavras, a capacidade do primeiro de viajar constitui-se, assim, como um aspecto que o diferencia de todos os demais seres vivos:

O homo viator está na origem do *homo sapiens*. A condição humana e a condição de viajante continuam interligadas, centenas de milhares de anos depois. Só os homens viajam, os animais limitam-se a migrar, como os salmões e as gaivotas, para a desova ou fugindo dos rigores do inverno; e só os viajantes são inteiramente humanos, pois enquanto os que ficam não se distinguem das plantas, que têm raízes num certo húmus, e dos bichos, que não podem viver fora do ecossistema em que nasceram, os viajantes exercem, em sua plenitude, a prerrogativa máxima da espécie, a de cortar, consciente e voluntariamente, por algum tempo ou para sempre, os vínculos com o país de origem: “Nos patriae finis et dulcia linquimus arva/Nos patriae fugimus” [Deixamos as fronteiras da nossa pátria/Da nossa pátria fugimos] (ROUANET, 1993, p. 7).

Como um bom representante desse espírito de *homo viator*, Rousseau dedica-se ao tema da viagem no Livro V de *Emílio*, abordando não só os passeios a pé – prática frequente no século XVIII –, mas também a própria viagem em si, como uma etapa importante na educação do jovem *Emílio* antes de seu casamento com *Sofia*, como dito acima. Apesar de falar de duas maneiras distintas sobre o mesmo tema, percebe-se que há um ponto em comum profundamente notável sobre a concepção da viagem como uma forma de educação: a aquisição da experiência em contraposição à instrução

pelos livros, ou seja, o que consta em suas reflexões é uma crítica ao aprendizado em busca de uma erudição vazia e sem vínculo com a vida. A experiência da viagem funciona, portanto, como bússola da existência, indicando limites e sugerindo caminhos virtuosos a serem delineados pela vontade humana.

A viagem e os passeios a pé: a formação do jovem

Partindo, dessa forma, para a primeira reflexão que Rousseau (2009a, p. 604) realiza sobre o tema, encontramos uma frase peculiar, “não viajamos, pois, como passageiros, mas como viajantes”. Intuitivamente, a ideia de passageiro sugere a condição de alguém que está deslocando-se de um lugar a outro. O estado de viajante, na contramão, é o de alguém que desfruta de todos os acontecimentos que constituem uma viagem, ou como o próprio genebrino revela, “não pensamos somente nos dois extremos, mas também no intervalo que os separa” (2009a, p. 604). Aparentemente, um detalhe trivial, entretanto, a paisagem circundante, ou então, o “entre-lugares” de uma viagem, constitui-se como um dos elementos mais consideráveis na formação do jovem, uma vez que a contemplação da natureza, como experiência autêntica de aperfeiçoamento humano, é vista por Rousseau como um componente determinante na educação do indivíduo integral.

O pensador nos lembra do quão árduo é educar a juventude e, ao inserir a viagem no meio de sua narrativa, mostra que a melhor forma de educá-la é “menos em preceitos do que em exercícios”. Consciente dessa dificuldade, o preceptor conseguirá direcionar verdadeiramente a formação do jovem Emílio, pois desse modo ele estará mais “exposto a todos os acidentes da vida humana”. Contudo, para a correta formação da juventude, “não se trata de ensiná-la a suportar as dificuldades, mas de exercitá-la para senti-la” (ROUSSEAU, 2009, p. 15-16). Só há aprendizado, desse modo, quando somos lançados à experiência da vida. Com essas ideias, Jean-Jacques apresenta o tipo de pedagogia que está em desenvolvimento nas páginas de

Emílio: a da educação negativa. Ela que deverá ensinar a verdadeira existência como aquela que faz sentir a vida, pois a “primeira educação deve ser puramente negativa. Consiste não em ensinar a virtude ou a verdade, mas em proteger o coração contra o vício e o espírito contra o erro” (2009, p. 97).

É preciso considerar o vanguardismo do método rousseauiano ao elaborar tantas reflexões e sugestões de como proceder com a juventude, lembrando que o próprio genebrino denunciou a ausência de conteúdos sobre a educação de jovens em sua época ao compará-la com a de crianças, mais uma prova de seu pioneirismo sobre o tema:

Nos tratados de educação, oferecem-nos palavrórios inúteis e pedantes sobre os quiméricos deveres das crianças, e não nos dizem palavra sobre a parte mais importante e mais difícil de toda educação, qual seja, a crise que serve de passagem da infância para a condição de homem. Se consegui tornar estes ensaios úteis por algum aspecto, foi sobretudo por ter-me estendido bastante sobre esta parte essencial, omitida por todos os outros, e por não me ter deixado desencorajar nesta tentativa por falsas delicadezas, nem me amedrontar por dificuldades de língua. (ROUSSEAU, 2009a, p. 611).

A grande questão que norteia, de forma geral, o pensamento de Rousseau é a transformação da natureza do homem – genuinamente boa – no meio social corrompido, já que, para ele, “o homem natural é tudo para si mesmo; é a unidade numérica, o inteiro absoluto, que só se relaciona consigo mesmo ou com seu semelhante”, ao contrário do “homem civil [que] é apenas uma unidade fracionária que se liga ao denominador, e cujo valor está em sua relação com o todo, que é o corpo social (ROUSSEAU, 2009a, p. 11). Sua preocupação é, portanto, com a aniquilação do homem natural, a atrofia e o tolhimento de sua experiência autêntica, encurralada e sem voz. Por isso, sua tentativa é contar a história dessa natureza, como um belo romance, para, através dessa narrativa, recuperá-la. Pelos primeiros sentimentos, tais como o

amor que sente por Sofia, sua primeira e única paixão, o genebrino pretende moldar o caráter do homem moral em busca de uma vida virtuosa atenta aos apelos do coração e da natureza primária. Com isso, Rousseau alia a história da natureza do jovem, jamais pensada nesses termos, à viagem como parte dessa constituição.

“Vossos filósofos sedentários estudam a história natural em seus gabinetes; têm miniatura e conhecem nomes, mas não têm ideia da natureza. Mas o gabinete de Emílio é mais rico do que o dos reis: é a terra inteira” (ROUSSEAU, 2009a, p. 604). Com essa afirmação, ele faz uma distinção entre a formação livresca e a formação pela experiência, valorizando esta última como o resultado da relação direta com a natureza, sem a mediação dos livros.

No entanto, longe de criticar simplesmente a educação pelos livros, é possível identificar no filósofo uma crítica radical ao conhecimento e à forma como nos relacionamos com o produto desse mesmo conhecimento. Contudo, se pensarmos que ele deseja recuperar o indivíduo e sua relação com a natureza, percebe-se que as oposições entre as duas formas de conhecimento ficam menos marcadas e mais relativizadas. Rousseau pretende recuperar aquela antiga ingenuidade e candura da relação com a terra, o mar, as plantas, as montanhas e os animais. E, para isso, é necessário entregar-se ao tempo da caminhada a pé, à espontaneidade dos acontecimentos, e permitir a si mesmo a redescoberta da própria natureza humana na contemplação da beleza natural da paisagem. Quase como uma necessidade fisiológica, o contato com a natureza permanece uma reflexão também em outras obras de Rousseau, como em textos autobiográficos: “Só faço alguma coisa ao passear, o campo é o meu gabinete; o aspecto de uma mesa, do papel e dos livros causa-me tédio, o aparato do trabalho desencoraja-me, se sento para escrever, nada encontro, e a necessidade de ter espírito me retira dali” (ROUSSEAU, 2009b, p. 87).

A viagem a pé é uma prática antiga, realizada pelos integrantes da escola aristotélica – os peripatéticos –, e também por Tales, Platão e Pitágoras, conforme afirma o próprio Rousseau (2009a, p. 607). Ela evidencia uma forma de se fazer filosofia, mas também aponta para a formação do indivíduo comum. É preciso lembrar, contudo, que o jovem Emílio é instruído por seu preceptor, uma forma de educação da época que indica ser ele um indivíduo educado que deverá tornar-se um homem de exceção, com as melhores e mais destacadas qualidades de seu caráter.

Voltando às viagens a pé, Rousseau cultuava, sobretudo, o prazer simples da caminhada, do bem-estar geral que essa prática fornece ao corpo. Outros elementos notáveis, para ele, seriam a inspiração e a conexão criativa, possibilidades que a contemplação e o sentimento puro, especialmente o silêncio circundante, fornecem para se mergulhar na própria introspecção. Prazeres semelhantes relatou em seus *Devaneios*, em cuja obra evidencia-se sua dedicação à própria solidão na contemplação da natureza. Na *Quinta caminhada*, Rousseau (2014) descreve a felicidade e o prazer do *far niente*, possíveis graças ao cultivo do ócio.

Próximo às narrativas antigas, incluindo a de Homero, em que o aprendizado humano é adquirido pelo contato com as experiências dos mais velhos, como nos indica Benjamin⁴, Rousseau narra a chegada de Emílio e seu preceptor à casa de Sofia. Ambos os viajantes se hospedam nela, e a partir de então, a narrativa explorada e a forma como é contada sugerem a lembrança dos tempos do autor da *Ilíada*, como afirma o próprio genebrino ao descrever as histórias narradas pelo pai de Sofia aos dois viajantes:

⁴ Cf. BENJAMIN, 2010, p. 221: “O narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la *inteira*. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida”.

Falando de sua solidão, [o pai de Sofia] vai entrando aos poucos na narrativa dos acontecimentos que o confinaram naquele lugar; as desgraças de sua vida, a constância de sua esposa, os consolos que encontraram em sua união, a vida mansa e tranquila que levam em seu retiro, sempre sem nada dizer sobre a moça; tudo isso compõe uma narrativa agradável e tocante, que não se pode ouvir sem interesse. Emílio, emocionado e enternecido, pára de comer para escutar (ROUSSEAU, 2009a, p. 608).

A experiência é o elemento mais importante na instrução de Emílio, conforme já mencionado. A própria ideia de experimentação, tão cara à imagem do jovem como aquele que “experimenta a vida” em seu sentido mais pleno, é levado ao extremo de significados por Rousseau. Entretanto, é importante destacar a distinção que ele faz dos métodos utilizados por seus contemporâneos, uma vez que não parte de um método exterior, fruto de um raciocínio lógico. Pelo contrário, seu método é o da observação, como dito acima, que respeita os limites de Emílio, que percebe os graus de evolução que seu aluno é capaz. O preceptor, dessa forma, exerce um papel muito específico, embora seja a natureza que se revele como a grande mestra e sábia em seus desígnios. É possível afirmar também que o método de Rousseau parte do próprio jovem, pois a indicação de sua instrução é dada pela própria natureza interna de Emílio: é ele quem dá os limites e os parâmetros, a forma de sua própria instrução, exercendo sua liberdade ao experimentar as mais diversas novidades do mundo. Através das viagens, Emílio encontrará seu centro, os indicadores formativos já presentes em sua natureza constitutiva.

Em seu ensaio sobre a *Educação da juventude*, Fénelon discorre acerca da necessidade de a experiência prescindir da instrução pelos livros, cuja afirmação vai ao encontro de muitas assertivas do próprio Rousseau⁵.

⁵ No contexto de seu retiro solitário, Rousseau (2014, p. 30) cita Fénelon em seus *Devaneios*: “A solidão campestre na qual passei a flor de minha juventude, o estudo dos bons livros ao qual me entregava por inteiro, reforçaram junto a ela minhas disposições naturais por sentimentos afetuosos e me tornaram devoto quase à maneira de Fénelon”.

Segundo o moralista francês, a curiosidade das crianças é uma “inclinação da natureza que precede de certo modo a instrução”, de modo que isso deve ser aproveitado para a educação dos jovens. Ou ainda: “as lições formais: quanto menos, melhor; em uma conversação festiva podem insinuar-se infinitudes de ensinamentos de mais utilidade que as mesmas lições” (FÉNELON, 1930, p. 19 e 31). Certamente, o genebrino não repudia os livros e a educação formal e erudita de maneira extrema, pois “longe de proscriver a ciência e os sábios, de querer queimar as bibliotecas e mergulhar na mais absoluta barbárie, Rousseau esclarece outra vez que não condena a ciência em si mesma, mas a ‘louca ciência dos homens’” (DOZOL, 2006, p. 38). Na verdade, sua denúncia busca resgatar o valor da experiência porque, com o tempo, a mesma se tornará parte constitutiva do jovem, uma espécie de segunda natureza, facilitando as lições que os livros deverão indicar posteriormente. Por isso, a instrução formal deve ser um elemento da vida e não um amontoado de conhecimentos esvaziados de conteúdo empírico e desligado da realidade individual humana.

A juventude é a idade por excelência para desfrutar dos prazeres da vida, resultado das experiências com o corpo. Tais prazeres, quando bem regrados, nos trazem felicidade. Essa assertiva parece uma forma moderna de epicurismo, uma vez que Rousseau segue uma educação pautada pela experiência e pela ação. No aforismo a seguir, há uma aproximação intensa entre ele e Epicuro: “Chamamos ao prazer princípio e fim da vida feliz. Com efeito, sabemos que é o primeiro bem, o bem inato, e que dele derivamos toda escolha ou recusa e chegamos a ele valorizando todo bem com critério do efeito que nos produz” (EPICURO, 1973, p. 25). Muitas ideias presentes em Rousseau parecem remontar ao filósofo grego, como a noção de prazeres e bens necessários e desnecessários à vida: “recorda-te de que, ainda que sejas de natureza mortal e com um limite finito de vida, te debruçaste, mediante a investigação da natureza, no que é infinito e eterno, e contempleste o que é agora, será e sempre foi no tempo transcorrido” (1973, p. 28). Ou então,

segundo as palavras do próprio Rousseau (2009a, p. 615): “Ora, se há um tempo para gozar a vida, este é com certeza o fim da adolescência, em que as faculdades do corpo e da alma adquiriram seu maior vigor”.

A ideia de um epicurismo moderno no genebrino, desse modo, relaciona-se com noções importantes da antiga escola grega, como afirma Spinelli:

Rousseau, no *Emílio*, orientou sua reflexão a partir da ideia (tese fundamental do epicurismo) de que o prazer (conquanto o homem não seja por natureza um ser social, mas um ser que age) é o móvel de suas ações. Outra ideia de Rousseau (derivada do epicurismo a partir de Gassendi) é a de que a infelicidade nos advém mediante um desequilíbrio entre nossos desejos e nosso poder (nossas possibilidades, nossa disposição ou nosso empenho) de satisfazê-los. Efetivamente, a felicidade em Epicuro corresponde a um equilíbrio entre desejo e possessão: “Se queres ser rico”, aconselhou Epicuro a Pítocles, “não ajuntes riquezas, apenas equilibre os desejos” (SPINELLI, 2009, p. 341-342).

Certamente, o epicurismo na modernidade torna-se muito mais crucial, mas também trabalhoso, pois os prazeres desnecessários são maiores, enquanto que a sociedade, no entender de Rousseau, não é o lugar para desenvolver as virtudes morais do homem. E justamente por reconhecer tal dificuldade, ele percebe a importância de saber regular e orientar as paixões de *Emílio*. Com isso, não se pretende averiguar o grau de influência epicurista no pensamento de Rousseau, mas chamar a atenção para a educação dos jovens, também pensada pelos primeiros quanto ao verdadeiro prazer da existência proporcionada pelos desejos do corpo, pois a juventude é um momento da vida reconhecido como o mais bem vivido, se desfrutado com equilíbrio, quando o presente recebe uma importância totalizadora.

Outra característica dos passeios a pé é permitir a descoberta mútua entre os jovens Emílio e Sofia. Enquanto caminham, trocando palavras e ideias, seus corpos são guiados pelos passos e pela paisagem vivificadora da natureza. E, ao mesmo tempo em que a linguagem é exercitada no ritmo da caminhada, os jovens apaixonados são fisgados cada vez mais pelo sentimento de amor um pelo outro, sendo perceptível o nascimento de uma intimidade cada vez mais crescente.

Viagem, solidão e instrução

Desde a infância, Emílio é criado livre, aos embalos da natureza. Na juventude, não poderia ser diferente, conforme as palavras de Rousseau:

Se quiserdes prolongar pela vida inteira o efeito de uma boa educação, conservai ao longo da juventude os bons hábitos da infância, e, quando vosso aluno for o que deve ser, fazei com que seja o mesmo em todos os tempos; eis a última perfeição que vos resta dar à vossa obra.

A vida ativa, o trabalho braçal, o exercício, o movimento tornaram-se de tal modo necessários para ele, que não poderia renunciar a eles sem sofrer. Reduzi-lo bruscamente a uma vida indolente e sedentária seria o mesmo que aprisioná-lo, acorrentá-lo, mantê-lo numa situação violenta e forçada [...]. (ROUSSEAU, 2009a, p. 636-637).

O filósofo parece aludir, nessas passagens, a um tipo de experiência com a natureza que parece evocar os romances de formação, como *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. Diferente deste em alguns aspectos, a formação do jovem Emílio está muito mais próxima da relação estabelecida com a natureza, protagonista da vida nesse romance pedagógico de Rousseau. A peregrinação de Wilhelm Meister coloca a cultura como uma protagonista isolada e dominante do aprendizado. O próprio elogio que Goethe tece a muitas passagens dessa obra acerca da educação, permite-nos pensar que esta é a própria definição de cultura: “Fala-se e escreve-se muito sobre educação,

mas não vejo senão uma pequena parcela de homens capazes de compreender e levar a cabo o simples, porém grande conceito que encerra em si todos os demais” (GOETHE, 2012, p. 127). Em outros momentos, a aproximação de Goethe e Rousseau é plausível, a propósito da peregrinação de Wilhelm pela errância do destino: “Quando sua formação atinge um certo grau, é vantajoso que aprenda a se perder numa grande massa, aprenda a viver para os outros e a se esquecer de si mesmo numa atividade apropriada ao dever”. E Goethe (2012, p. 469) conclui com uma frase que nos remete à formação de Emílio pelas terras desconhecidas: “Só então aprende a conhecer a si mesmo, pois é a ação que verdadeiramente nos compara aos outros”. Paralelamente, Rousseau (2009a, p. 240) afirma que “devemos falar tanto quanto possível através das ações, e só dizer aquilo que não podemos fazer”.

Emílio, pela contemplação da natureza em seus passeios a pé ou a cavalo, consegue momentos de união com sua própria subjetividade, cultivando a solidão e recebendo lições retiradas dessa intimidade compartilhada de seu convívio com a natureza. A solidão é um tema que aparecerá também, como o próprio nome indica, em *Os devaneios de um caminhante solitário*. Diferente do jovem Emílio, Rousseau busca nessa obra, mediante um tom confessional, o isolamento da vida social, mas também elaborar sua própria formação, ou seja, busca encontrar nesse eu confesso e revelado pela escrita a vida que ainda clama por ser explorada: “o estudo de um velho, se ainda tem algum a fazer, é apenas aprender a morrer, e é justamente o que menos se faz na minha idade; se pensa em tudo, menos nisso”. E conclui: “Todos os velhos têm mais apego à vida que as crianças e saem dela com maior má vontade que os jovens” (ROUSSEAU, 2014, p. 28).

O conhecimento de si fornecido pela natureza proporciona a Emílio uma verdadeira viagem dentro de si mesmo, atingindo o estado de pura contemplação e autoconhecimento. Assim, o que se vê é a continuidade entre ficção e realidade quando percebemos na narrativa de Rousseau, já com a experiência dos anos desde seus *Devaneios*, características do próprio Emílio.

Será que *Emílio* não é a encarnação do próprio *alter ego* de Rousseau? Muito mais do que a ambição de escrever uma obra ou ascender a certo *status* social como filósofo, sua preocupação era com a autoformação. Com isso, a subjetividade emerge como campo semântico⁶ de um modo bastante peculiar, como nesta passagem “confessada” por Rousseau (2014, p. 29): “quanto a mim, quando desejei aprender, foi para eu mesmo saber e não para ensinar; sempre acreditei que antes de instruir os outros era preciso começar sabendo o suficiente para si mesmo”.

A noção de autoformação nos conduz novamente para a discussão de Rousseau acerca da diferença entre a instrução pelos livros *versus* a instrução adquirida pelas viagens, discussão que, de alguma forma, perpassa toda a obra *Emílio ou da Educação*. Nesse momento do Livro V, no subtítulo *Viagens*, o genebrino é pontual nas observações sobre o tema, ao realizar um verdadeiro elogio à empiria e seus desdobramentos formativos: “(...) no que tange a observações de qualquer espécie, não se deve ler, mas ver” (ROUSSEAU, 2009a, p. 666).

Montaigne, citado por Rousseau em vários momentos de *Emílio*, é uma influência definitiva em seu pensamento, sobretudo no que se refere à crítica ao excesso de aprendizado pelos livros em sacrifício da experiência. Em seu famoso ensaio *Educação das crianças*, Montaigne é categórico ao definir o mundo como o verdadeiro livro de aprendizados de um jovem:

Este mundo tão grande, que alguns ampliam ainda, como as espécies de um gênero, é o espelho em que nos devemos mirar para nos conhecermos de maneira exata. Em suma, quero que seja esse o livro do nosso aluno. A infinita diversidade de costumes, seitas, juízos,

⁶ Marlene de Souza Dozol (2015, p. 4) insere essa expressão em seu artigo sobre Rousseau: “Noutras palavras, em que medida o pensamento, a prosa poética (adubada pelo fato de os sentimentos e a subjetividade despontarem como *campo semântico* emergente na transição do século XVII para o século no qual viveu Jean-Jacques) e a imagem pictórica corroboram uma mesma força e um mesmo espaço de escritura?” (grifo nosso).

opiniões, leis, ensina-nos a apreciar sadiamente os nossos, a reconhecer suas imperfeições e fraquezas naturais, o que já não é pouco (MONTAIGNE, 1987, p. 80-81).

A noção de mundo como lugar da procura de experiências ricas em sabedoria é também pensada por Rousseau (2009a, p. 665, grifo nosso): “Tantos livros fazem-nos desdenhar o *livro do mundo*; ou, se ainda o lemos, cada um se limita a sua página”. O filósofo genebrino denuncia o excesso de leitura, pois a ocupação com as ideias alheias afasta-nos de nossas próprias. O conhecimento adquirido exclusivamente através da mediação pelos livros nos faz perder as impressões e emoções espontâneas que sentimos quando nos deparamos com situações e circunstâncias da vida.

O filósofo-narrador, ou seja, Rousseau, dando voz ao preceptor, está preocupado com a experiência que o jovem Emílio necessita para casar-se e ser um bom homem, marido e cidadão, daí a importância de ver os próprios países e povos em vez de simplesmente ler narrativas de viagem. Contudo, viajar é uma arte, é preciso saber conhecer os lugares, os países visitados, a arte de viajar, nesse caso, torna-se a arte de instruir-se, uma vez que, “para se instruir não basta percorrer os países, é preciso saber viajar”. Saber viajar consiste em valorizar os detalhes verdadeiramente úteis à vida, saber movimentar-se guiado não por uma curiosidade vã ou frívola, mas pela necessidade de olhar, observar aquilo que pode ser verdadeiro e útil para sua existência. Os próprios antigos, povos que viajavam muito menos do que os modernos, sabiam verdadeiramente mais, pois valorizavam não a quantidade de conhecimentos acumuláveis, mas a busca pelos desdobramentos criativos do conhecimento vivo e útil para uma vida sábia (ROUSSEAU, 2009a).

A arte de viajar como *modus operandi* do sujeito em sua formação requer a habilidade de perder-se, pelo menos, é essa a consequência das reflexões no *Emílio*, sobretudo quando o autor dos *Devaneios* afirma que quanto mais observamos e procuramos coisas específicas em um lugar

determinado, menos conseguimos a verdadeira experiência de conhecer a nós mesmos. Quanto mais viajamos para nos instruir⁷, menos conseguimos tal feito. A arte de viajar é formativa na medida em que nos dispomos à abertura ao mundo. Pelas assertivas acerca das viagens formativas, é possível notar que a educação de Emílio não é aquela procurada pelo indivíduo comum, conforme visto. Viajar não é uma prática para espíritos comuns: “só convém aos homens bastante seguros de si para ouvirem as lições do erro sem se deixarem seduzir, e para verem o exemplo do vício sem se deixarem levar”. A importância da viagem como elemento formativo na educação do jovem é basilar, como já afirmamos, e Rousseau (2009a, p. 672) parte de um tom declarativo nesse sentido: “Quem retorna de uma viagem através do mundo é na volta o que será por toda a vida”. Logo, coloca a viagem não apenas como um modo de instrução, mas parte de seu método educativo, como se constata na afirmação a seguir:

Tudo que se faz com razão deve ter suas regras. Consideradas como uma parte da educação, as viagens devem ter as suas. Viajar por viajar é errar, ser vagabundo; viajar para instruir-se ainda é um objeto muito vago, a instrução que não tem um alvo determinado nada é. Eu gostaria de dar ao jovem um interesse sensível em instruir-se, e esse interesse bem escolhido também determinaria a natureza da instrução. Foi ainda a sequência do método que procurei aplicar (ROUSSEAU, 2009a, p. 672).

Torna-se oportuno ressaltar também o conteúdo dessas viagens. Para o genebrino, nos lugares onde vivem menos pessoas, nos lugares mais distantes,

⁷ Walter Benjamin (2009, p. 73) menciona em “Tiergarten” (a primeira narrativa de *Infância em Berlim por volta de 1900*) um tipo de experiência com o corpo inesquecível e formativo: “Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução. Nesse caso, o nome das ruas deve soar para aquele que se perde como o estalar do graveto seco ao ser pisado, e as vielas do centro da cidade devem refletir as horas do dia tão nitidamente quanto um desfiladeiro. Essa arte aprendi tardiamente; ela tornou real o sonho cujos labirintos nos mata-borrões de meus cadernos foram os primeiros vestígios”.

é onde se encontram a verdadeira paisagem e os costumes autênticos para o ensinamento do jovem Emílio, pois nesses ambientes onde o homem habita, e que poderiam ser chamados de “refúgios-modelo”, a vida ainda está caracterizada da maneira mais verdadeira.

A verdadeira vida é aquela em que nos permitimos desfrutar dos prazeres mais simples, em que a lentidão do tempo é a oportunidade para descobrir o valor de degustar uma boa refeição, enfim, de perceber que o corpo e suas necessidades primárias nos fornecem as verdadeiras e reais lições do sentido da existência: a felicidade de *gozar a vida* (ROUSSEAU, 2009a) no significado mais lato e pleno dessa expressão.

Vivendo a natureza em seu sentido mais autêntico, o campo, esse refúgio que permite esquecer a vida na cidade, torna-se um conceito para ver a si mesmo: a intenção de Rousseau é transformar-se nesse campo, lugar de paz, tranquilidade, possibilitando a autorreflexão. Isso resulta claro quando, na *Quinta caminhada*, Rousseau (2014, p. 65) troca todas as “tristes papeladas e toda essa livralhada” pelas “flores e feno” durante a decoração de seu quarto. Esse gesto tão tempestuoso revela a necessidade de uma transmutação em si que o genebrino realiza consigo mesmo, posto que o autoconhecimento se dá na mesma medida e enquanto ele descobre a constituição da organização vegetal, na observação da natureza ao redor.

Ainda na *Quinta caminhada*, constata-se uma extensão da natureza do indivíduo Rousseau com a natureza circundante: a ideia de devaneio propicia essa reflexão, pois a intenção do filósofo é deixar de lado a reflexão para dar vazão ao puro sentimento ao sentar-se à beira do lago: “o fluxo e o refluxo dessa água [...] substituíam os movimentos internos que o devaneio apagava em mim e bastavam para me fazer sentir com prazer minha existência sem me dar ao trabalho de pensar” (ROUSSEAU, 2014, p. 68). Essas lições e ensinamentos somente a natureza pode fornecer para quem se dispor ao abandono da racionalidade em nome do puro devanear.

Considerações finais

Depois de ter percorrido inúmeros lugares e conhecido muitos tipos humanos, o jovem Emílio está preparado para o casamento e percebe, independentemente de onde esteja, que os homens e a terra são os mesmos, de modo que isso lhe dá segurança quanto ao futuro. A única e verdadeira lei a que, de fato, está submetido, é a da natureza. Na medida em que conhece a terra em todos os seus recantos, e os homens em seus domínios, ele percebe que sendo fiel aos princípios segundo os quais fora educado, será livre em qualquer lugar que desejar viver com sua futura esposa.

A liberdade, dessa forma, parece ser o valor mais importante a ser buscado nas viagens de formação às quais Emílio é submetido por seu preceptor. Elemento que guia as ações e os pensamentos do jovem, a liberdade é também um modelo de vida por meio do qual se é treinado ao desapego das paixões e à cultura da máscara social. A continuação desse romance pedagógico se dará com *Émile e Sophie ou os solitários*, em cuja obra ficará provado o poder da educação do preceptor; com ela percebemos que Emílio obedecerá aos princípios formativos com os quais fora educado desde o nascimento. Não faremos aqui o esboço dessa obra, mas o que nos interessa é atentar para o caráter poderoso e perpétuo da educação. A figura do preceptor é importante para Emílio por toda a vida⁸, mas não podemos tirar o mérito do próprio indivíduo em seu poder de escolher ações morais que beneficiam ou prejudicam sua vida em sociedade.

⁸ Segundo Dozol, em *Da figura do mestre*: “[...] É o próprio mestre que lhe dirige as seguintes palavras: ‘Caro Emílio, um homem precisa a vida inteira de conselhos e de guia’ (ROUSSEAU, 1992, p. 580). E, aqui, podemos observar como em Rousseau a ideia de mestria ultrapassa o universo infante-juvenil. De início, ela supõe uma pessoa dirigindo o desenvolvimento da criança e do adolescente, mas, aos poucos, justificada pelos sentimentos de gratidão e reconhecimento, o mestre adentra o universo adulto do educando e aí se instala como figura tutelar: ‘Mas continuai o mestre dos jovens mestres’ (idem, p. 581), palavras de Emílio para o velho mestre, agora comparado a um ‘Sócrates que mostra às almas o caminho que devem seguir’ (STAROBINSKY, 1991, p. 185). [...] Se Emílio não tem mais o mestre ao lado, tem-no dentro de si. É este mestre internalizado, sob a forma de um código moral, agora ínsito à constituição do próprio indivíduo, que irá interagir com um mestre de outra natureza, mas com poderoso potencial formativo: o sofrimento” (DOZOL, 1993, p. 102-107).

É possível entender a ideia de formação pelas viagens como um modo de aprender a explorar e exercer a liberdade do indivíduo no meio social para que ele não se torne escravo das organizações humanas, uma vez que, para Rousseau (2010, p. 81), “a única servidão real é a da natureza. Os homens são apenas seus instrumentos”. O ato de viajar é um indicativo de muitas outras coisas: que devemos voltar nossa mente à verdadeira condição humana, a condição de que nascemos livres; ou da importância da noção de unidade, totalidade: somos natureza junto à natureza que nos rodeia quando desfrutamos das paisagens do campo ou mesmo da cidade, ou seja, nossa outra condição necessária é a de uma reunião primitiva com tudo aquilo que nos cerca.

Outro aspecto relevante, ressaltado neste texto, é a abundância de experiências passíveis de lições exemplares, do encontro consigo mesmo, do retorno à solidão primária da existência que a viagem proporciona. O alcance desses ensinamentos na constituição humana são valores importantes, pois se recupera a própria interioridade na medida em que a exterioridade do mundo é explorada. Talvez essa seja uma relação dialética e constante da condição de viajantes, a lembrança da própria existência enquanto seres lançados ou inseridos em um mundo natural artificialmente modificado pelos humanos. Uma relação dialética que enaltece igualmente o conflito: como viver em um mundo em que a natureza e a cultura estão a todo o momento em disputa, promovendo um desacerto constante na existência e na identidade do homem moderno?

O bom exercício da liberdade – tema clássico do Iluminismo, movimento que ambicionava um projeto pedagógico-racional do homem de maneira inédita na história das ideias – é um elemento importante no pensamento de Rousseau. Nesse movimento filosófico, ele era um de seus maiores expoentes, mas também seu maior crítico. Essa ambivalência é própria do caráter humano sobre a terra, pois o filósofo enxergava a condição humana cindida de sua verdadeira natureza, logo, todo o seu trabalho

filosófico, grosso modo, pretendia uma nova configuração do homem “a partir de uma boa natureza humana originária, preservá-la até o momento propício à sua socialização e, então, atualizá-la, desdobrando-a em virtudes sociais” (DOZOL, 2006, p. 31). Por isso, a viagem em sua riqueza de temas é a aventura da descoberta: a própria e autêntica valorização do desbravamento pelo desconhecido, uma saída da menoridade à maioridade (cf. KANT, 1980), buscando, através da estranheza do mundo, acessar o próprio desconhecido em si mesmo.

Referências

- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- BOLLE, Willi. A ideia de formação na modernidade. In: GHIRALDELLI, Paulo. *Infância, escola, modernidade*. São Paulo: Cortez, 1997.
- CASSIRER, Ernst. O pensamento da era do Iluminismo. In: _____. *A filosofia do Iluminismo*. Campinas: UNICAMP, 1992.
- DOZOL, Marlene de Souza. *Da figura do mestre*. São Paulo: EDUSP, 2003.
- _____. *Rousseau*. Educação: a máscara e o rosto. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.
- _____. Jean-Jacques Rousseau entre uma poética da superfície e a ideia de infância. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 17-31, jan./mar. 2015.
- EPICURO. Ética. In: LUCRÉCIO; CÍCERO; SÊNECA et al. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- FÉNELON. *Educación de la juventud*. Trad. Doña Luisa Repollés de Jus. Buenos Aires: Editorial Tor, [1930].
- GOETHE, J. W. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. Trad. Nicolino Simone Neto. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: que é o Iluminismo? In: _____. *A paz perpétua e outros opúsculos*. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1980.

- MONTAIGNE, Michel de. Da educação das crianças. In: _____. *Ensaíos*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Nova Cultura, 1987.
- ROUANET, Sergio. *A razão nômade: Benjamin e outros viajantes*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Émile e Sophie ou os solitários*. Trad. Françoise Galler. São Paulo: Hedra, 2010.
- _____. *Emílio ou da educação*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2009a.
- _____. *Os devaneios do caminhante solitário*. Trad. Julia da Rosa Simões. Porto Alegre: L&PM, 2014.
- _____. *Textos autobiográficos e outros escritos*. Trad. Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2009b.
- SILVA, Priscilla Stuart. Walter Benjamin e as metrópoles modernas: a noção de uma educação estética em infância berlinense: 1900 e Diário de Moscou. *Cadernos Walter Benjamin*, v. 12, Janeiro a Junho de 2014, p. 17-47. Disponível em: http://www.gewebe.com.br/pdf/cad12/caderno_02.pdf
- SPINELLI, Miguel. *Os caminhos de Epicuro*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 341-342.
- STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.